

S. Tiago de Encourados

ENCOURADOS, orago S. Tiago, era uma vigararia da apresentação do Reitor do convento de S. João Evangelista de Vilar de Frades.

Esta Igreja veio ao padroado do convento em virtude da troca, feita em 1441 com o Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, pela Igreja de Calvelo.

Calvelo pertencia ao convento de Vilar de Frades pela renúncia do seu último abade Gonçalo Dias de Barros, como melhor se diz na freguesia de Moure deste concelho, que também foi incluída naquela troca.

Encourados significa homens revestidos de *couro*, ou que vão à guerra protegidos pela *coura*, gibão com abas.

Esta freguesia vem nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 com a designação —« De Santo Jacobo de Encoirados de Cauto de Martim», nas Terras de Penafiel.

Nelas se diz que o rei não tem aqui reguengo algum e não recebe qualquer foro; que esta Igreja tem sesmarias, Tibães 5 casais e Vilar de Frades 19 casais.

Encourados era, como vimos, do couto de Martim, passando depois para o de Vilar de Frades.

Era aqui o solar da nobre e antiga família dos Encourados, hoje extinta ou antes diluído o seu sangue em outras talvez não menos distintas.

A casa solar desta família devia ter sido na Torre Velha. Este nome parece indicá-lo, além de que alguns vestígios de construções, que naquele lugar se viam há

mais de meio século, levam-nos a acreditar na existência ali de alguns paços ou casas nobres.

Arnaldo da Gama, passeando por estes sítios antes de escrever o seu romance «O Sargento-Mor de Vilar», trouxe para ele, dos tempos de antanho, alguns nomes das suas personagens e fez reviver nos princípios do século XIX o antigo paço dos Encourados.

Já há muito, porém, quando não sei, que este tinha desaparecido.

Há nesta freguesia várias casas importantes entre as quais mencionaremos apenas as seguintes: a de Encourados, perto da Igreja Paroquial, talvez a que Arnaldo da Gama imaginou ser os paços daquela família, a de Santa Ana, a de Vilarinho, as duas do Carvalhinho, uma pertencente ao Sr. Dr. João Inácio da Silva Correia Simões e outra ao Sr. Dr. Augusto Matos Lopes de Almeida, a da Portagem, a do Adro, a da Torre Velha e a de Barreiros.

Esta última é considerada pelo povo como a casa do Sargento-Mor do romance, não obstante o autor daquele livro a ter situado na freguesia de Areias de Vilar.

A imaginação popular ao desafio com a do ilustre escritor!

Desta casa actualmente apenas existe de interessante um portão em estilo clássico, tendo ao lado um escudo ou emblema que contém em chefe uma cruz aberta de campo e em contra-chefe cinco ciprestes, mal arrumados, sem qualquer outra peça, ornato ou distintivo.

Informaram-me que esta casa, a de Santa Ana e ainda outras casas e propriedades foram compradas por João Inácio da Silva Correia a uma família de Oliveira de Azeméis.

Daí a ida do alegre e praguejante sargento-mor e seus companheiros, fugindo aos franceses, para aquela

vila, para casa de uns parentes, levados na imaginação do romancista.

Em volta da casa de Barreiros ainda vive gente com os nomes e alcunhas dos valentes soldados das Ordenanças dos coutos de Vilar e Manhente que figuram no romance.

Esta admirável obra, levada já ao palco, esteve há poucos anos para ser filmada.

Pena foi que não se realizasse tal ideia, pois esta terra, onde se desenrolam algumas das suas principais cenas, mais conhecida se tornava com o que nada perderia.

A Igreja Paroquial desta freguesia, primitivamente um pouco mais ao sul da actual, era um edifício pequeno, baixo e escuro.

No arco do nicho tem de um lado —ANNO —e do outro —1879.

Dentro, no painel, tem pintada a seguinte inscrição: «No mez de Julho de 1919 foi restaurada esta obra á custa de D. Conceição Correia Simões da Casa da Portagem», e fora, no rebordo do banco, gravada na pedra— «1901».

Esta freguesia, assentada em terreno ondulado, estende-se até à encosta norte do monte de Airó, que lhe fecha o horizonte por esse lado.

É banhada pelo ribeiro de Vilar, que nasce em Martim e vai desaguar no Cávado, junto à quinta do convento de Vilar de Frades e é servida pela Estrada Distrital n.º 5 que liga Esposende a Braga, por um ramal que desta vai até ao lugar de Vilarinho e por outro que da mesma vai até à Igreja Paroquial.

Confronta esta freguesia pelo norte com a da Pousa e a de Areias de Vilar; pelo poente com esta de Areias de Vilar; pelo sul com as de Bastuço, S. João e Santo Estêvão e pelo nascente com a de Martim.

As suas fontes públicas são: a de Lobato, a de Vilarinho, a da Balança, a do Carvalhão, a da Isabelleiras, a de Entrevinhas, a de Santa Ana e a do Carvalhinho.

Na de Santa Ana a água canalizada vem cair por uma bica em uma taça de pedra metida na parede do portal da casa de Santa Ana.

A fonte do Carvalhinho está encaixada na parede da casa da Portagem, pertencente ao Ex.^{mo} Senhor D. António José da Silva Correia Simões, caindo a água também por uma bica, por cima da qual está gravada a seguinte inscrição : — « AQVA. CCELI. RVPE. SALIENS. DE. AVREO. MONTE. DESCENDENS. AB. VINDECIMO. DIE. FEBR. ANNO. MCMX. DOMN. ANTONIVS. IN. CATHEDR. DECANVS».

A população desta freguesia no século XVI era de 37 moradores; no século XVII, esta com mais as três freguesias do Couto de Vilar (Mosteiro, S. João de Areias e Santa Maria Madalena), era de 200 vizinhos; no século XVIII era de 87 fogos; no século XIX era de 384 habitantes e pelo 7.º censo da população é de 370 habitantes, sendo 169 varões e 201 fêmeas, sabendo ler 57 homens e 27 mulheres.

Esta população acha-se distribuída pelos seguintes lugares habitados: Torre Velha, Fontainha, Rego Seco, Carvalhinho, Vilarinho, Assento, Carvalhão, Devesa de Igreja, Redondo, Pé de Cabrão, Campo Grande, Engenho, Residência, Ponte de Selorios e Vessadinha.

Tem Escola Oficial mista, que funciona em edifício arrendado.

Tem Caixa do Correio e uma loja de mercearia.

Não tem indústria própria, além da de cesteiros.

A sua produção agrícola especializa-se em bom vinho e excelentes melões muito apreciados nos mercados.

Dos homens mais ilustres, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, destacaremos os seguintes:

D. Soeiro Mendes de Encourados, senhor da casa e torre de Encourados, foi casado com D. Urraca Gil, neta materna de João Lourenço de Macieira, donde se vê, em tempos tão afastados do nosso, a união de várias famílias e solares existentes nesta parte do concelho.

Fernão Silvestre de Encourados, de quem fala o Conde D. Pedro no seu Nobiliário, era também da família dos Encourados.

P.^e Manuel José de Carvalho, foi pároco desta freguesia, abade da de Laundos, comarca da Póvoa de Varzim e Cónego da Sé de Luanda, tendo falecido em 14 de Novembro de 1887, como se vê do epitáfio na sua sepultura à porta principal da Igreja Matriz.

Manuel António Coelho de Araújo, natural desta freguesia, senhor da casa de Vilarinho, foi vereador da Câmara Municipal de Barcelos entre 1898 a 1903, pai do Snr. Dr. Manuel António Barroso Coelho, bacharel formado em Teologia pela U. de Coimbra, abade de Vila Boa de Quires, Marco de Canaveses e de Lordelo do Ouro, Porto.

João Crisóstomo Lopes Correia, senhor da casa de Encourados, foi vereador da C. M. de Barcelos. Faleceu em 1914.

Foi o pai dos srs. Manuel Maria Correia Simões e Dr. Alberto Correia Simões, Juiz de Direito.

José Custódio da Silva Correia, senhor da Casa de Santa Ana, foi vereador da C. M. de Barcelos, tendo falecido em 1911.

Manuel Luís Simões, filho de António José Simões e de D. Maria Josefa da Fonseca, senhor da Casa do Carvalhinho, nesta freguesia, foi o pai dos srs. Dr. João Inácio da Silva Correia Simões, Juiz de Direito, D. Ma-

ria da Purificação da Silva Correia Simões, casada com João Crisóstomo Lopes Correia, acima referido, e D. António José da Silva Correia Simões, Deão da Sé de Braga, Vigário Geral do Arcebispado, por vezes vigário Capitular, antigo Reitor do Liceu e Presidente da Câmara Municipal de Braga, etc.

Os franceses, quando passaram por esta freguesia, em Março de 1809, acamparam no sítio das Barrocas.

Deu-se nessa ocasião um facto que corre na tradição oral do povo.

Um soldado, precisando de mantimentos, foi pedir ou *exigir* milho a um lavrador do lugar de Vilarinho. Este acedeu imediatamente ao *pedido*, mas quando o francês ia encher confiadamente o saco debruçado na tulha, o proprietário fazendo desta guilhotina, deixou cair a tampa sobre o pescoço do infeliz, matando-o.

Receoso porém da revindicta dos companheiros da vítima e para encobrir a sua façanha, lançou em seguida o cadáver dentro de um poço que perto havia.

Passadas as horas temerosas da invasão foi retirado este da água e enterrado convenientemente.

Ainda existe naquele lugar uma modesta cruz de pedra, que a piedade cristã levantou para comemorar este facto.